UM CHAMADO À MISSA DE 100 ANOS DA MORTE DA ESCOLA

A CALL TO THE 100-YEAR MASS FOR THE DEATH OF THE SCHOOL

Autor: DOUGLAS MANOEL ANTONIO DE ABREU PESTANA DOS SANTOS UNIFESP

https://doi.org/10.5281/zenodo.17153362

RESUMO

Este ensaio decreta a morte da escola moderna, um cadáver institucional que sobrevive à custa de rituais pedagógicos vazios. Nascida sob a lógica fabril para disciplinar corpos e mentes, a escola traiu sua promessa de emancipação, tornando-se um aparelho de reprodução de desigualdades e adestramento. As críticas de pensadores como Dewey, Freire e Bourdieu foram ignoradas, e a introdução de novas tecnologias apenas modernizou a velha engrenagem de controle. A instituição fracassou em sua função de socializar o saber de forma significativa, gerando uma profunda crise de sentido que é sentida por alunos e professores. O texto argumenta que a verdadeira aprendizagem pulsa fora de seus muros, em espaços de criação e autonomia. Diante da falência do modelo, o ensaio faz um chamado não para reformar, mas para enterrar a escola atual, abrindo espaço para a invenção de uma educação que finalmente valorize a imaginação, a complexidade e a transformação social.

Palavras-chave: Educação. Escola. Crise da Educação. Pedagogia Industrial. Emancipação.

ABSTRACT

This essay declares the death of the modern school, an institutional corpse that survives on empty pedagogical rituals. Born from an industrial logic to discipline bodies and minds, the school has betrayed its promise of emancipation, becoming an apparatus for the reproduction of inequalities and domestication. The critiques of thinkers like Dewey, Freire, and Bourdieu have been ignored, and the introduction of new technologies has only modernized the old machinery of control. The institution has failed in its function of socializing knowledge meaningfully, creating a deep crisis of purpose felt by students and teachers alike. The text argues that true learning thrives outside its walls, in spaces of creation and autonomy. Faced with the model's bankruptcy, the essay calls not for reform, but for the burial of the current school, making way for the invention of an education that finally values imagination, complexity, and social transformation.

Keywords: Education. School. Education Crisis. Industrial Pedagogy. Emancipation.

O Cadáver Institucional

Imaginem-se convidados para a missa de 100 anos da escola. Não é exagero. Trata-se de um cadáver institucional que ainda insiste em ser tratado como se respirasse. A escola moderna morreu há muito tempo, mas seguimos fingindo que vive.

A escola nasceu como extensão das fábricas e dos quartéis. Sua tarefa era clara: disciplinar corpos, alinhar mentes, garantir mão de obra dócil e barata. A pedagogia industrial organizou saberes como peças de engrenagem: um conhecimento por ano, um professor por disciplina, um aluno reduzido a peça descartável. Como lembra Apple (1989), a escola foi concebida para reforçar estruturas de poder, não para questioná-las.

John Dewey (1916) já advertia que a educação não poderia ser preparação para a vida, mas a própria experiência da vida em sociedade. Sua crítica à escola fabril não foi ouvida. Paulo Freire (1996) insistiu que ensinar sem escuta e sem diálogo é puro adestramento, não emancipação. Pierre Bourdieu (1998) demonstrou que a escola legitima desigualdades ao travestir privilégios de classe como mérito. As denúncias foram feitas, mas a lógica da reprodução venceu.

Nos anos 1980, muitos estudantes viveram essa contradição no corpo. Dentro da escola: tédio, cópia e silêncio. Fora dela: invenção, imaginação, experimentação. Illich (1985) foi categórico ao dizer que a escola não é sinônimo de educação e que, muitas vezes, sufoca a curiosidade em vez de alimentá-la. Enquanto crianças criavam mundos em jogos, histórias ou RPG, a sala de aula era prisão travestida de disciplina.

E se aquele estudante viajasse ao século XXI? Encontraria computadores, tablets e plataformas digitais. Mas no fundo a lógica continua a mesma: decorar, repetir, reproduzir. A tecnologia apenas sofisticou a velha engrenagem. Kenski (2012) observa que a simples introdução de recursos digitais não rompe a estrutura escolar: ao contrário, ela reforça práticas antigas com roupagem moderna.

A Crise de Sentido

Diante disso, não há como negar: estamos em um velório. A escola morreu porque não consegue ensinar. E morreu porque não consegue mais se justificar socialmente. Saviani (2008) já afirmava que a escola brasileira fracassou em sua função histórica de socialização do saber. Professores e alunos sabem: a promessa é grande, mas o cotidiano é vazio.

A crise não é de gestão ou de recursos. É crise de sentido. A escola perdeu o porquê de existir. A transmissão de conteúdos, sua função central, não acontece de forma significativa. E quando uma instituição perde seu sentido, o que resta é o ritual: provas, notas, boletins, estatísticas. Um teatro pedagógico que mascara a falência real.

Mas a educação, fora dos muros, ainda pulsa. Jovens aprendem em coletivos, em jogos, em projetos. Csikszentmihalyi (1990) mostrou que só existe aprendizagem significativa quando há equilíbrio entre desafio e habilidade, quando o sujeito encontra prazer e sentido no que faz. A escola não sabe oferecer isso. Por isso seus estudantes aprendem mais fora dela do que dentro.

Papert (1994) já defendia a educação maker como alternativa para devolver sentido ao aprendizado: criar, experimentar, errar e reinventar. Não se trata de adicionar robôs à velha escola, mas de mudar sua lógica. Uma escola viva precisa ser oficina, não cemitério. Precisa ser laboratório, não prisão.

(In)Conclusão: O Apelo ao Enterro

A nostalgia da ordem perdida apenas reforça a traição histórica da escola. Ela prometeu emancipação e entregou domesticação. Prometeu justiça e entregou hierarquia. Prometeu conhecimento e entregou repetição. Fraser (2001) lembra que sem redistribuição e reconhecimento não há justiça. A escola, como está, não promove nem uma coisa nem outra.

Ainda há quem defenda sua função social insubstituível. De fato, ela ocupa o lugar central da educação formal. Mas de que adianta uma função que não se cumpre? Morin (2000) argumenta que os saberes necessários ao futuro exigem religação e complexidade, não fragmentação e burocracia. A escola que insiste em compartimentar saberes está, na prática, fora do tempo.

Esse velório, portanto, não é homenagem. É denúncia. É dizer que a escola fracassou. Que já não responde ao seu tempo. Que se tornou obsoleta e inócua. Que se mantém apenas como aparelho de administração de corpos, notas e estatísticas. Não é exagero: é constatação sociológica.

E como em toda missa, há também apelo. Não basta lamentar o cadáver. É preciso enterrá-lo. É preciso assumir que essa escola não tem conserto. Que sua morte abre espaço para outra possibilidade: uma escola que rompa com a lógica fabril, que reconheça as diferenças, que devolva aos estudantes o direito de criar, imaginar e transformar.

Por isso, bem-vindos ao incômodo de admitir que não há mais o que salvar. Só nos resta inventar outra, ou aceitar que continuaremos rezando por um cadáver.

Referências

APPLE, Michael W. Educação e poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Flow: the psychology of optimal experience. New York: Harper & Row, 1990.

DEWEY, John. Democracy and education. New York: Macmillan, 1916.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 10, p. 231-239, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ILLICH, Ivan. Sociedade sem escolas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2012.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

PAPERT, Seymour. A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.